

SEÇÃO MEMÓRIA

Elígio Parise: Arte, Comunicação e Referência Fotográfica¹.

Breves notas sobre um fotógrafo e suas fotografias.

Itamar Ferretto Comarú²

EM RELAÇÃO A MUITAS DESSAS FOTOS...

Na barbearia tinham baleado o gângster Joe Anastasia, que estava fazendo a barba, e aquela foi a primeira foto da vida profissional de Chinolope. Pagaram uma fortuna por ela. A foto era uma façanha. Chinolope tinha conseguido fotografar a morte. A morte estava ali: não no morto, nem no matador. A morte estava na cara do barbeiro que a viu. **Eduardo Galeano³**.

Algumas fotografias *tocam*, nos arrepiam, causam repulsa ou atração, fazendo-nos pensar. Com elas percebemos a fragmentação social, as memórias e esquecimentos, a modificação das paisagens ou as continuidades e descontinuidades que se fazem presentes nos cotidianos urbanos ou rurais. A fotografia que faz pensar, como já se disse, permite que percebamos as mudanças sociais dadas com o passar dos tempos. Transformações que suplantaram a solidez de uma Modernidade prodiga em impetrar padrões, regras e costumes, fazendo emergir novas sociedades individualizadas, que recriam constantemente as referências que lhes representam, tanto a si quanto aos outros, amparadas em mecanismos de atração ou repulsa. Nesse sentido, Maffesoli⁴ considera que todo mundo é de “um lugar, e crê, a partir desse

¹ As fotografias aqui apresentadas pertencem ao fotógrafo Elígio Parise. Prestamos aqui uma singela homenagem divulgando, de modo mínimo, não só a riqueza de seu acervo, mas sua generosidade, carinho e atenção que oferece a todos que de seu acervo ou das suas memórias necessitam. Esperamos que o poder público de Veranópolis/RS consiga dar ao criador e a criatura a valorização que merecem. Os relatos orais aqui registrados são originários do programa produzido pela Rádio Comunidade 96.1, chamado “Histórias de nossa gente”, divulgado em 1º de abril de 2006. Na ocasião Elígio Parise foi entrevistado por Carlos Alberto Spanhol.

² Historiador e Mestre em Turismo pela Universidade de Caxias do Sul. Professor da rede municipal de ensino de Caxias do Sul/RS. Pesquisador da *ifcultural* Consultoria e Pesquisa. E-mail: ifcomaru@gmail.com

³ GALEANO, E. *El libro de los abrazos*. Buenos Aires: Catalogos, 2002, p.16.

⁴ MAFFESOLI, M. *Sobre o nomadismo*. Rio de Janeiro: Record, 2001, p.79.

lugar, ter ligações, mas para que esse lugar e essas ligações assumam todo o seu significado, é preciso que sejam, realmente ou fantasiosamente, negados, superados, transgredidos”.

Mas as fotografias estarão ali, lembrando justamente desse *outro tempo*. Segundo Barthes⁵, o que a fotografia reproduz ao infinito “só ocorreu uma vez: ela repete mecanicamente o que nunca mais poderá repetir-se existencialmente”. Desse modo, as representações deste *outro mundo* captadas pelo fotógrafo reproduzem a dinamicidade e a policromia das sociedades antigas ou contemporâneas, utilizando as mais diversificadas tecnologias.

Em certo sentido, quando observamos fotografias antigas, um ponto ganha força e se destaca: o retorno daqueles que já se foram, uma espécie de retorno virtual dos mortos. Uma cidade *que já morreu*, mas que vive dispersa nas memórias dos antigos moradores; indivíduos ou famílias em pose quase cerimonial para o ato fotográfico, aparentemente fechados em si mesmos, prestes a entrar para a eternidade que os representara; os prazeres das festividades que animam a vida, lembrados para sempre por meio das imagens que ativam a memória, ou aquele não menos importante *click* de um instante do cotidiano... Barthes⁶ considera que a fotografia seria algo como um “teatro primitivo, como um Quadro Vivo, a figuração da face imóvel e pintada sob a qual vemos os mortos”.

As fotografias que nos fazem pensar, por vezes, são o resultado singular de temperamentos e condutas singulares. Elígio Parise, fotógrafo proprietário do material aqui apresentado, notabilizou-se por sua sensibilidade e ecletismo fotográfico. Soube captar, por meio de imagens, as mudanças sociais dadas ao longo de mais de cinco décadas de atuação na região Nordeste do Rio Grande do Sul, vinculando de modo indissolúvel seu trabalho com a memória e a história regional.

Elígio Parise procura um caminho pessoal. Ao desistir das lides da terra, que levava ao lado de seus onze irmãos, parte rumo à cidade com o olhar cheio de esperanças e emoções... O aspirante a fotógrafo era sabedor das dificuldades que enfrentaria: nunca havia tirado uma única fotografia. Cercado pela curiosidade da arte, mas interessado também em sobreviver por meio da reprodução das imagens, consegue apoio de Plínio Bridi, fotógrafo experiente, vindo da cidade de Farroupilha, mas que trabalhava em Veranópolis, ainda quando esta se chamava Alfredo Chaves. A vontade de saber e apreender o conhecimento fotográfico alheio custou a Parise aproximadamente 300 contos de réis⁷, dinheiro que lhe permitiu dominar as técnicas de laboratório e revelação, mas não a arte de fotografar. “*Eu não sabia o que era diafragma, abertura de lente... sabia nhente⁸*”, relata o iniciante fotógrafo.

Entretanto, sua sede de conhecimento sofre um revés: problemas particulares levam o experimentado fotógrafo a se afastar de Veranópolis, sem intenção de voltar. O aprendiz, numa peregrinação rumo ao desconhecido, toma coragem e compra o estúdio fotográfico do antigo mestre. “*Adquiri o estúdio, comecei a bater [fotografar] e fui aprendendo*”, narra Parise. “*Minhas primeiras fotos profissionais foram na colônia de Nossa Senhora da Paz, numa primeira comunhão, no ano de 1953, mas eu não sabia nada e dizia que tinha que ficar firme*”.

O abrupto afastamento do instrutor faz com que o aspirante encontre novas, porém breves, parcerias: “*Fui ajudado por Hermes Faccin, outro fotógrafo de Veranópolis, que trabalhava ao*

⁵ BARTHES, R. *A câmara clara*. Lisboa: 70, c1980, p.13.

⁶ *Idem*, p. 54.

⁷ Aqui o fotógrafo se atrapalha no depoimento devido às várias trocas de moedas dadas no período.

⁸ Expressão em dialeto Vêneto que significa “não sabia nada”.

lado do irmão”. Essa amizade proporcionaria desde o empréstimo de equipamentos, até o ensinamento de novas técnicas. Porém, o mais novo fotógrafo da cidade se veria novamente desamparado quando os irmãos Faccin optam por encerrar as atividades fotográficas para assumirem a concessão pública da rodoviária da cidade. *“Os dois me ofereceram o estúdio, o Bridi e o Hermes Faccin. Eu fiquei com o Bridi, que tinha mais conhecimento, mas o Hermes tinha as máquinas mais avançadas, melhores”*.

De aluno inexperiente a fotógrafo profissional, Elígio Parise começa a se deslocar para Caxias do Sul para adquirir o material fotográfico necessário ao seu trabalho: *“Eu ia lá no Geremia⁹, o velho... Uma pessoa extraordinária. Ele me contou que era para ele vir trabalhar em Alfredo Chaves, porque era mais importante do que Caxias do Sul... Ele alugou aqui em Alfredo Chaves [atual Veranópolis] uma casa para vir trabalhar e pagou seis meses de aluguel”*. Entretanto, sem explicar seus motivos, Geremia opta por deixar a localidade e montar seu estúdio na cidade de Caxias do Sul. *“Você que é uma pessoa muito importante aqui, vamos construir uma casa de material, vamos... Vamos incentivar...”*, ter-lhe-iam dito os vizinhos. Mas, Geremia partiu mesmo assim. A casa que abrigava seu estúdio, *“ali na Júlio de Castilhos, há pouco tempo desmancharam...”*. Parise parece não entender a desistência do fotógrafo, pois para ele, *“Alfredo Chaves, naquela época, era mais falada do que Caxias do Sul”*.

Parise começava a perpetrar o que sonhara quando abandonou a área rural, fazendo de sua existência uma espécie de busca pela Arte. Para isso, contou, também, com a ajuda de sua esposa, Rita Tedesco Parise, que coloria a mão diversas fotografias. O mundo que conheciam, na Linha Ernesto Alves, abriu-se para outro, maior e dinâmico, permeado de complexidades. Sua obra fotográfica procura absorver a luz, a cor e a atmosfera, tanto de uma Veranópolis urbana quanto rural. Procura, assim, expressar a arte de se viver nesses espaços. Entretanto, segundo Barthes¹⁰, *“o que funda a natureza da Fotografia é a pose”*, pouco importando sua duração. E são justamente elas que chamam a atenção em várias reproduções fotográficas realizadas pelo fotógrafo gaúcho. Entre tantas imagens, a elegância e sobriedade dos que esperam pelo *click* parece se destacar.

Outro ponto proeminente é o arranjo das pessoas que esperam pelo momento em que o fotógrafo as ingressará na posteridade, uma relação tácita de domínio entre fotógrafo e fotografado ou observador e observado. Sobre essa organização, Parise considera que a experiência foi adquirida olhando as fotos de outros colegas. *“Eu ia a Caxias do Sul falar com o Geremia e olhava como era. Muitas vezes eu levava para lá as fotos de casamento daqui para mostrar para ele, aí então ele me dizia que ‘olha aqui, essa luz tem que modificar’, de forma que tudo isso me ajudou. Mas eu procurava, eu me interessei”*.

Embora estivesse aberto a todas as tendências da atualidade, o artista considera que a fotografia não seria promotora de grandes rendimentos financeiros, mas, sim, um modo de se viver. Segundo Parise, um barbeiro, na época, *“ganhava muito mais do que um fotógrafo. Era uma coisa que era difícil para poder viver”*. Até mesmo grandes festas, como os casamentos, seriam promotores de poucos recursos financeiros para os fotógrafos. Os noivos escolheriam sempre *“as fotos pequenas, poucas... Impressionante... Eu acho que não tinha dinheiro por que... Tudo era difícil. Fotografei quase três mil casamentos”*.

⁹ Importante fotógrafo de Caxias do Sul e que contava com um representativo estúdio fotográfico adquirido em sua completude pelo Arquivo Histórico Municipal de Caxias do Sul.

¹⁰ Op.cit, p. 117.

O estúdio fotográfico de Elígio Parise, depois Foto e Livraria Parise, sempre teve relação com o centro da cidade de Veranópolis, mais especificamente com o entorno do espaço praça, onde sempre esteve localizado. Entretanto, conforme o fotógrafo, naquela “*época não se batiam muitas fotos na praça... Se batiam mais no estúdio... Fotos mais em pose. Na praça era mais em festividades. Eu batia mais o povo em conjunto, não individual... Tinha pessoas que gostavam de aparecer no papel*”.

A fotografia tem o poder de, em muitos casos, ativar a memória daqueles que viveram aquilo que a imagem representa. Entretanto, ela vai além de lembrar um passado. Ela o atesta, faz que vejamos o *outro*, o *outro tempo*, a *outra vida*. Dizendo de outro modo, com ela vemos o que existiu em outros tempos distintos. Barthes¹¹ considera que a fotografia “*não fala (forçosamente) daquilo que não é mais, mas apenas e com certeza daquilo que foi. Essa sutileza é decisiva*”. Mas como se dá essa relação *memória* e *prova* para quem estava lá, ao lado do fato, registrando? “*Muitas coisas me marcaram...*” afirma Parise. “*Quando a gente chegava nos carnavais as pessoas paravam pra gente entrar... Era uma coisa fantástica*”. Outros momentos são destacados, como as fotos nos CTGs, o convívio com os padres ou os desfiles dos estudantes, as festas, os crimes, quando era fotógrafo policial... As dificuldades em receber pelo trabalho da revelação, aqueles que mandavam fazer e depois não podiam pagar... “*O primeiro casamento que eu bati... Fiquei tão faceiro... Por volta de 1955, todos os outros [noivos] batiam poucas fotos. Esse mandou eu fazer cem postais, levou e não me pagou até hoje... Se exibiu, deu fotos para todos os parentes, e o Parise que aguentou... Nós vamos e elas ficam... Ainda marcando*”. Opinião semelhante à de Barthes¹² quando considera que todos “*esses jovens fotógrafos que se movimentam no mundo, dedicando-se à captura da atualidade, não sabem que são agentes da Morte*”.

Enfim, foi assim que Elígio Parise edificou seu arquivo composto por mais de 650.000 itens, entre negativos, positivos, filmes, *slides*, cartões postais, máquinas fotográficas, entre outros suportes de imagem e som. Há, em seu acervo, imagens fotográficas que datam de 1885 até meados de 2004. Dedicou-se para além da fotografia e revelação, atuando também como pesquisador da história local e regional, além de preservar a história fotográfica da região adquirindo partes, quando não a totalidade, dos acervos pertencentes aos antigos fotógrafos das cidades da região ou dos municípios que se emanciparam da cidade de Veranópolis. Suas fotografias registram, segundo Relatório da Secretaria de Cultura do Estado do Rio Grande do Sul (s.d, p.2), as “*primeiras casas construídas, retratos das famílias imigrantes, fatos e personagens históricos marcantes na região [...] imagens da população da cidade [...] seja em seu contexto natural, no trabalho rural, [...] ritos sociais [...] festas [...] colheitas [...] primeiros carros e meios de transportes, ônibus e trens, casas típicas, balsas que transportavam madeira [...] paisagens urbanas [...] coleções de cartões postais [...] retratos e retratos de famílias tradicionais [...] documentação esportiva e policial [...] fotos de natureza [...] eventos sociais [...] possui ainda extenso material como fitas de vídeo (formato VHS) de áudio (formato fita cassete) com registros de importantes personagens históricos na vida da comunidade*”.

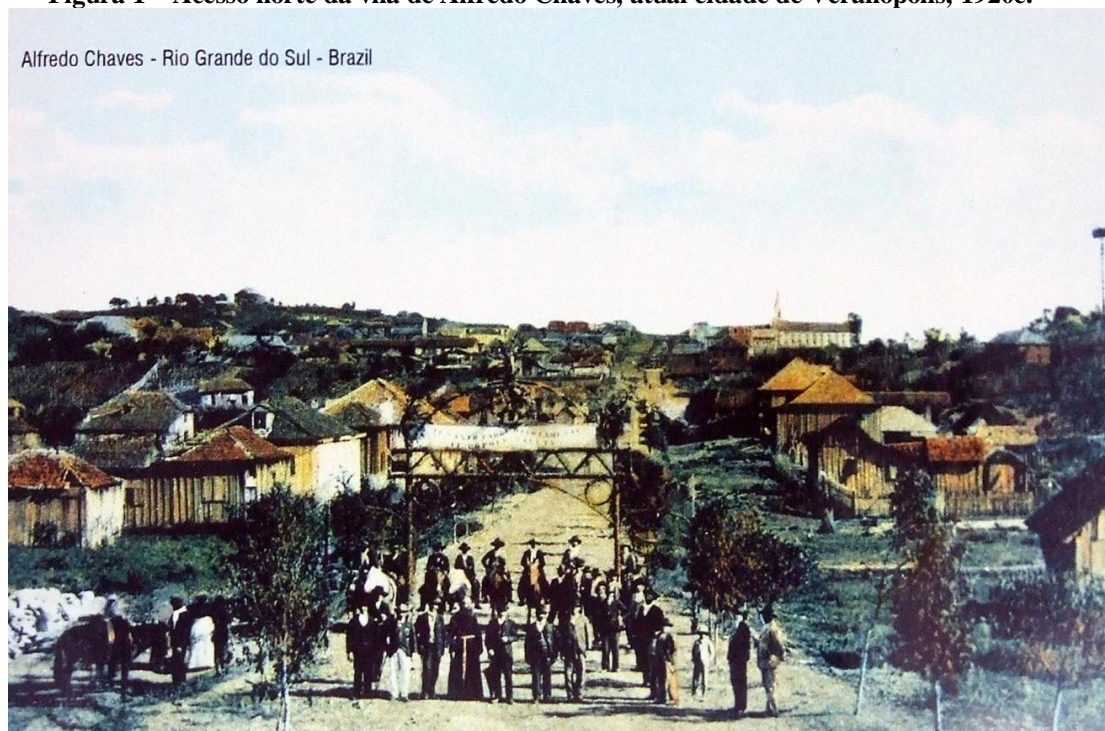
Parece ser impossível desvincular obra e memória, paixão e sentimento do trabalho realizado por Parise, entretanto, nem sempre sentimento, gosto ou amor intenso é basilar para que ocorra a valorização de um trabalho, propósito ou legado. Por vezes as sociedades simplesmente não desejam receber o que lhes remete ao passado. Deverão ter seus motivos, explícitos ou não.

¹¹ Op.cit, p.127.

¹² *Idem ibidem*.

Apresentamos agora uma quantidade ínfima desse legado preservado pelo fotógrafo Elígio Parise.

Figura 1 – Acesso norte da vila de Alfredo Chaves, atual cidade de Veranópolis, 1920c.



Fonte: Acervo Elígio Parise.

Figura 2 – Crianças indo para a Primeira Comunhão. Ao fim da rua vê-se o prédio do antigo Hotel Familiar, 1940c.



Fonte: Acervo Elígio Parise.

Figura 3 – Vista panorâmica da cidade de Veranópolis, em fins da década de 1950.



Fonte: Acervo Elégio Parise.

Figura 4 - Arcos de acesso ao centro urbano da cidade, construídos em meados da década de 1950.



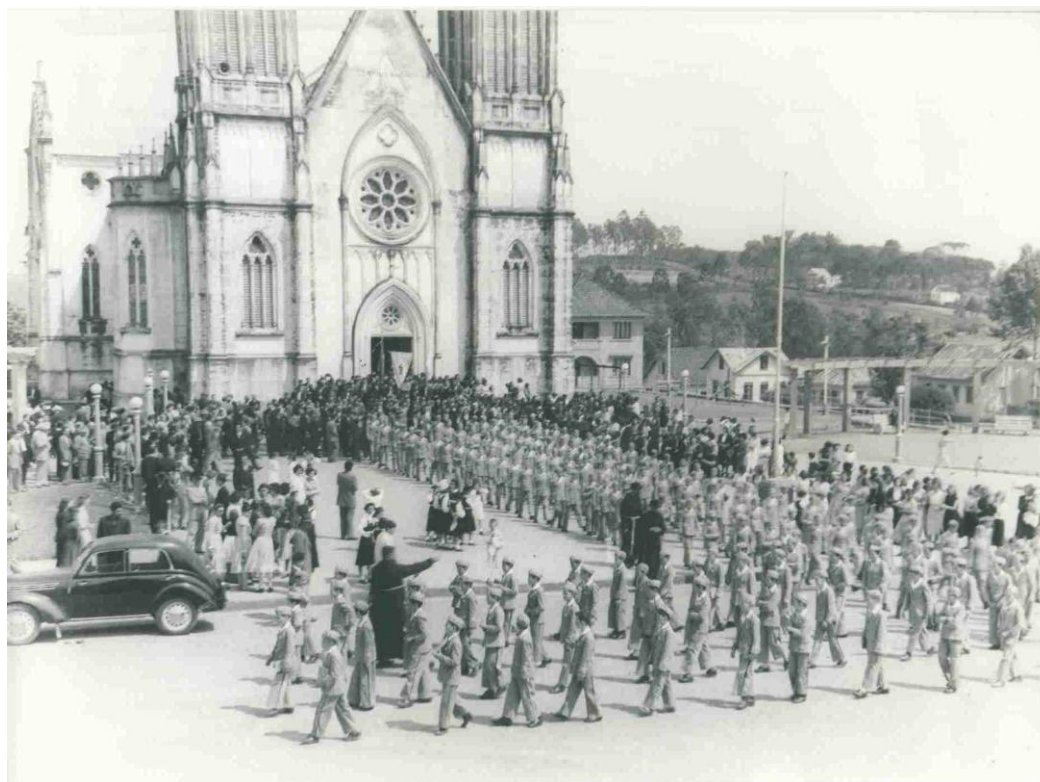
Fonte: Acervo Elégio Parise.

Figura 5 – Tradicional manifestação de fé em honra a Nossa Senhora de Lourdes.



Fonte: Acervo Elígio Parise.

Figura 6 –Evento cívico em Alfredo Chaves, atual Veranópolis, na praça central, 1940c.



Fonte: Acervo Elígio Parise.

Figura 7 – Praça XV de Novembro. 1950c.



Fonte: Acervo Elígio Parise.

Figura 8 – Praça central de Veranópolis, coberta de neve. 1960c.



Fonte: Acervo Elígio Parise.

Figura 9 – *Società Italiana di Mutuo Soccorso Principe di Piemonte*. O cartaz a direita convida para a audição do programa fascista Mussolini Fala. 1940c.



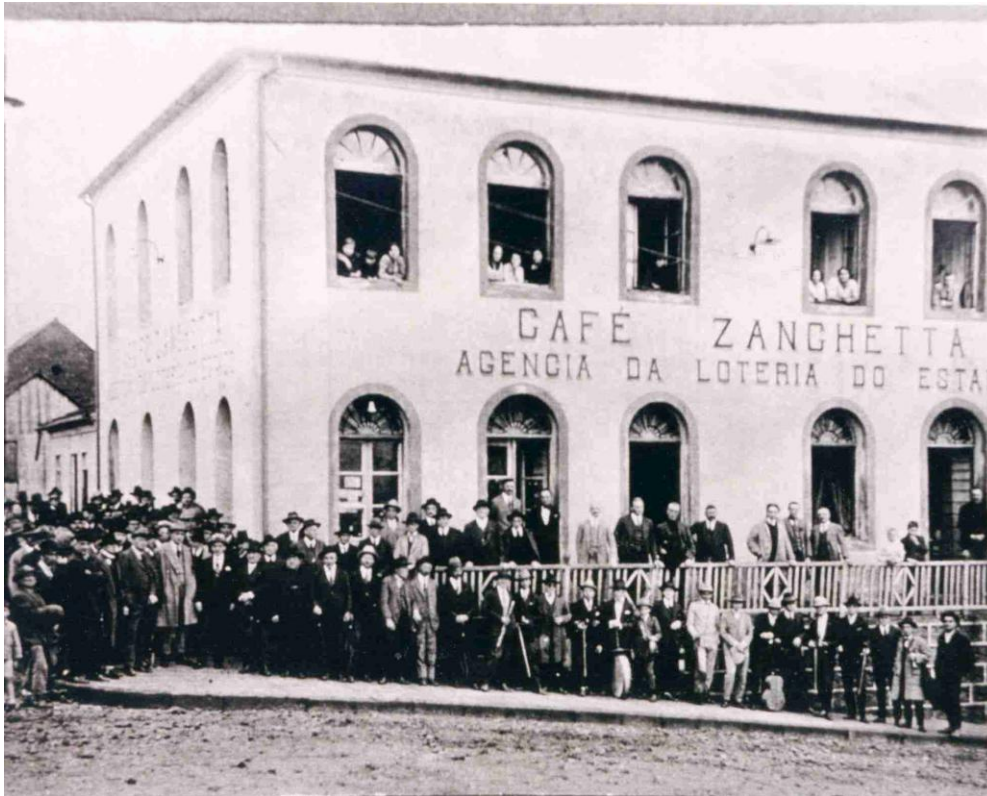
Fonte: Acervo Elígio Parise.

Figura 10 – Hotel Internacional, em Alfredo Chaves. 1920c



Fonte: Acervo Elígio Parise.

Figura 12 – Café Zanchetta. Ampliado anos depois, tornou um renomado hotel da localidade.



Fonte: Acervo Elégio Parise.

Figura 13 – Hotel Zanchetta, após ampliação



Fonte: Acervo Elégio Parise.

Figura 14 – Prédio do Cinema Dom Vital, edificado por religiosos católicos locais.



Fonte: Acervo Elígio Parise.

Figura 15 – Casa Farina. Importante casa comercial, ainda em funcionamento.



Fonte: Acervo Elígio Parise.

Figura 16 – Elígio Parise. Fotógrafo e pesquisador.



Fonte: Acervo Itamar Ferretto Comarú.